

OTHO RÜHLE E O MOVIMENTO OPERÁRIO ALEMÃO¹

PARTE I

Paul Mattick²

A atividade de Otto Rühle no Movimento Trabalhista Alemão estava relacionada ao trabalho de pequenas e restritas minorias dentro e fora das organizações oficiais de trabalho. Os grupos aos quais aderiu diretamente não eram, em momento algum, de significância real. E mesmo dentro desses grupos, ocupava uma posição peculiar. Ele nunca poderia se identificar completamente com qualquer organização. Ele nunca perdeu de vista os interesses gerais da classe trabalhadora, não importando qual estratégia política específica defendesse em um determinado momento. Ele não podia considerar as organizações como um fim em si mesmas, mas meramente como meios para o estabelecimento de relações sociais reais e para o desenvolvimento mais pleno do indivíduo. Devido a essa visão ampla da vida, às vezes era suspeito de apostasia, mas morreu enquanto vivia - um socialista no verdadeiro sentido da palavra.

Hoje todo programa e designação perdeu seu significado; socialistas falam em termos capitalistas, capitalistas em termos socialistas e todo mundo acredita em qualquer coisa e em nada. Essa situação é apenas o clímax de um longo desenvolvimento iniciado pelo próprio movimento operário. Agora está bem claro que, no movimento trabalhista tradicional, somente aqueles que se opuseram às suas organizações antidemocráticas e suas táticas podem ser apropriadamente chamadas de socialistas. Os líderes trabalhistas de ontem e de hoje não representavam nem representam um movimento operário, mas apenas um movimento capitalista de trabalhadores. Somente fora do movimento operário, foi possível trabalhar em direção a mudanças sociais decisivas. O fato de que, mesmo

¹ O alemão Otho Rühle (1874-1943) foi fundador (junto com Karl Liebknecht, Rosa Luxemburgo, entre outros) da Liga Espartaquista (1916). Extraído de: *Comunismo Anti-Bolchevique*. Londres: Merlin Press, 1978. Tradução do original em inglês de Angélica Lovatto.

² Paul Mattick (1904-1981). Nasce na Alemanha, exila-se a maior parte de sua vida nos Estados Unidos da América. Foi militante espartaquista. Ao abandonar a Liga, adere ao Comunismo de Conselhos. Torna-se delegado do Conselho Operário das fábricas Siemens no período da Revolução Alemã de 1918.

dentro das organizações trabalhistas dominantes, Rühle permaneceu uma pessoa de fora, atesta sua sinceridade e integridade.

O movimento trabalhista oficial não funcionava de acordo com sua ideologia original nem com seus interesses imediatos reais. Por um tempo, serviu como um instrumento de controle das classes dominantes. Primeiro perdendo sua independência, logo perderia sua própria existência. Os interesses adquiridos sob o capitalismo podem ser mantidos apenas pelo acúmulo de poder. O processo de concentração de capital e poder político força qualquer movimento socialmente importante a tentar destruir o capitalismo ou servi-lo consistentemente. O antigo movimento operário não pôde fazer o segundo e não estava disposto nem apto a fazer o primeiro. O conteúdo, para ser um monopólio entre outros, foi deixado de lado pelo desenvolvimento capitalista em direção ao controle monopolista dos monopólios.

Essencialmente, a história do antigo movimento operário é a história do mercado capitalista, abordada do ponto de vista "proletário". As chamadas leis de mercado deveriam ser utilizadas em favor da mercadoria, a força de trabalho. Ações coletivas deveriam levar ao maior salário possível. O "poder econômico" obtido dessa maneira deveria ser assegurado por meio de reformas sociais. Para obter os maiores lucros possíveis, os capitalistas aumentaram o controle organizado sobre o mercado. Mas essa oposição entre capital e trabalho também expressava uma identidade de interesses. Ambos os lados fomentaram a reorganização monopolista da sociedade capitalista, embora, por certo, por trás de suas atividades conscientemente dirigidas, finalmente houvesse apenas a necessidade expansiva do próprio capital.

Além do fetichismo-mercadoria, qualquer que seja o significado que as leis de mercado possam ter em relação a fortunas e perdas especiais, e no entanto elas possam ser manipuladas por um ou outro grupo de interesse, sob nenhuma circunstância elas podem ser usadas em favor da classe trabalhadora como um todo. Não é o mercado que controla o povo e determina as relações sociais predominantes, mas sim o fato de que um grupo separado na sociedade possui ou controla tanto os meios de produção quanto os instrumentos de repressão. Situações de mercado, sejam elas quais forem, sempre favorecem o capital. E se não o fizerem, serão alterados, separados ou complementados com poderes mais diretos, mais vigorosos e mais básicos, inerentes à propriedade ou controle dos meios de produção.

Para superar o capitalismo, são necessárias ações externas às relações mercado-trabalho-capital, ações que eliminam o mercado e as relações de classe. Restrito a ações dentro da estrutura do capitalismo, o antigo movimento operário lutou desde o início em termos desiguais. Estava destinado a destruir a si mesmo ou a ser destruído de fora. Estava destinada a ser desmantelada internamente por sua própria oposição revolucionária, que daria origem a novas organizações, ou condenada a ser destruída pela mudança capitalista de um mercado para uma economia de mercado controlado e pelas alterações políticas que o acompanham. Na verdade, o último aconteceu, pois a oposição revolucionária dentro do movimento trabalhista não conseguiu crescer. Tinha voz, mas sem poder e sem futuro imediato. Como a classe trabalhadora tinha acabado de passar meio século entrincheirando seu inimigo capitalista e construindo uma enorme prisão para si mesmo na forma do movimento trabalhista. É, portanto, ainda necessário destacar homens como Otto Rühle para descrever a moderna oposição revolucionária, embora tal escolha seja completamente contrária ao seu próprio ponto de vista e às necessidades dos trabalhadores que precisam aprender a pensar em termos de classes e não em termos de personalidades revolucionárias.

II

A primeira guerra mundial e a reação positiva do movimento operário ao massacre surpreenderam apenas aqueles que não entenderam a sociedade capitalista e o movimento trabalhista bem-sucedido dentro de seus limites. Mas apenas alguns realmente entenderam. Assim como a oposição pré-guerra dentro do movimento trabalhista pode ser posta em foco mencionando os produtos literários e científicos de alguns indivíduos entre os quais Rühle deve ser contado, assim a 'oposição dos trabalhadores' à guerra também pode ser expressa em nomes como Liebknecht, Luxemburgo, Mehring, Rühle e outros. É bastante revelador que a atitude anti-guerra, para ser eficaz, tenha primeiro que encontrar autorização parlamentar. Tinha que ser dramatizado no palco de uma instituição burguesa, indicando assim suas limitações desde o início. De fato, serviu apenas como um precursor do movimento de paz liberal-burguês que finalmente conseguiu acabar com a guerra sem perturbar o status quo capitalista. Se, no início, a maioria dos trabalhadores estava por trás da maioria da guerra, eles não estavam menos atrás da atividade anti-guerra de sua burguesia, que terminou na República de Weimar. Os slogans contra a

guerra, embora criados por revolucionários, serviam apenas a um tipo particular de política burguesa e acabaram onde começaram: no parlamento democrático burguês.

A verdadeira oposição à guerra e ao imperialismo veio à tona nas deserções do exército e da fábrica e no crescente reconhecimento por parte de muitos trabalhadores de que sua luta contra a guerra e a exploração deve incluir a luta contra o antigo movimento trabalhista e todos os seus conceitos. Em favor de Rühle está o fato de que seu próprio nome desapareceu rapidamente da lista de honra da oposição da guerra. É claro, é claro, que Liebknecht e Luxemburgo foram celebrados até o início da Segunda Guerra Mundial apenas porque morreram muito antes de o mundo em guerra ter sido restaurado à "normalidade" e estava novamente precisando de heróis trabalhistas mortos para apoiar a guerra. líderes de trabalhadores vivos que levaram a cabo uma política "realista" de reformas ou serviram à política externa da Rússia bolchevique.

A primeira guerra mundial revelou mais do que qualquer outra coisa que o movimento operário era parte e parcela da sociedade burguesa. As várias organizações em cada nação provaram que não tinham nem a intenção nem os meios para lutar contra o capitalismo, que estavam interessados apenas em assegurar sua própria existência dentro da estrutura capitalista. Na Alemanha isso era especialmente óbvio, porque dentro do movimento internacional as organizações alemãs eram as maiores e mais unificadas. Para sustentar o que havia sido construído desde as leis anti-socialistas de Bismarck, a oposição minoritária dentro do partido socialista exibiu um autocontrole até certo ponto desconhecida em outros países. Mas, então, a oposição russa exilada tinha menos a perder; além disso, havia se separado dos reformistas e dos colaboradores de classe uma década antes do início da guerra. E é muito difícil ver nos argumentos pacíficos do Partido Trabalhista Independente qualquer oposição real ao patriotismo social que saturou o movimento trabalhista britânico. Mas mais se esperava da esquerda alemã do que de qualquer outro grupo dentro da Internacional, e seu comportamento no início da guerra foi, portanto, particularmente decepcionante. Além das condições psicológicas dos indivíduos, esse comportamento era o produto do fetichismo-organização que prevalecia no movimento. e seu comportamento na eclosão da guerra foi, portanto, particularmente decepcionante. Além das condições psicológicas dos indivíduos, esse comportamento era o produto do fetichismo-organização que prevalecia no movimento. e seu comportamento na eclosão da guerra foi, portanto, particularmente

decepcionante. Além das condições psicológicas dos indivíduos, esse comportamento era o produto do fetichismo-organização que prevalecia no movimento.

Esse fetichismo exigia disciplina e adesão estrita às fórmulas democráticas - a minoria deve se submeter à vontade da maioria. E embora seja claro que sob condições capitalistas essas fórmulas democráticas meramente escondem fatos em contrário, a oposição não conseguiu perceber que a democracia dentro do movimento trabalhista não diferia da democracia burguesa em geral. Uma minoria possuía e controlava as organizações assim como a minoria capitalista possui e controla os meios de produção e o aparato estatal. Em ambos os casos, as minorias em virtude desse controle determinam o comportamento das maiorias. Mas pela força dos procedimentos tradicionais, em nome da disciplina e da unidade, desconfortáveis e contra o seu melhor conhecimento, a minoria anti-guerra apoiou o chauvinismo social-democrata.

Na primavera de 1915, Liebknecht e Rühle foram os primeiros a votar contra a concessão de créditos de guerra ao governo. Permaneceram sozinhos por algum tempo e encontraram novos companheiros apenas na medida em que as chances de uma paz vitoriosa desapareceram no impasse militar. Depois de 1916, a atitude anti-guerra radical foi apoiada e logo engolida por um movimento burguês em busca de uma paz negociada, um movimento que, finalmente, herdaria o falido estoque do imperialismo alemão.

Como violadores da disciplina, Liebknecht e Rühle foram expulsos da facção social-democrata do Reichstag. Juntamente com Rosa Luxemburgo, Franz Mehring e outros, mais ou menos esquecidos, organizaram o grupo Internationale, publicando uma revista do mesmo título para defender a ideia de internacionalismo no mundo em guerra. Em 1916, eles organizaram o Spartakusbund, que cooperou com outras formações de esquerda, como a Internationale Sozialist, com Julian Borchardt como seu porta-voz, e o grupo em torno de Johann Knief e do jornal radical Bremen, Arbeiterpolitik. Em retrospecto, parece que o último grupo identificado foi o mais avançado, isto é, avançado longe das tradições social-democratas e em direção a uma nova abordagem para a luta de classes proletária. O quanto o Spartakusbund ainda aderiu à organização e unidade fetichista que governou o movimento trabalhista alemão veio à luz em sua atitude vacilante em relação às primeiras tentativas de reorientar o movimento socialista internacional em Zimmerwald e Kienthal. Os espartaquistas não eram a favor de uma ruptura clara com o antigo movimento operário na direção do exemplo anterior bolchevique. Eles ainda esperavam conquistar o partido para sua própria posição e

cuidadosamente evitavam políticas irreconciliáveis. Em abril de 1917, o Spartakusbund fundiu-se com os Socialistas Independentes (Unabhängige Sozialdemokratische Partei Deutschlands), que formaram o centro do antigo movimento trabalhista, mas não estavam mais dispostos a encobrir o chauvinismo da ala majoritária conservadora do partido social-democrata.

III

Dentro do Spartakusbund, Otto Rühle compartilhava a posição de Liebknecht e Rosa Luxemburg, atacada pelos bolcheviques como incoerente. E inconsistente foi apenas por razões pertinentes. À primeira vista, a principal razão parecia basear-se na ilusão de que o Partido Social-Democrata poderia ser reformado. Com a mudança das circunstâncias, esperava-se, as massas deixariam de seguir seus líderes conservadores e apoiar a ala esquerda do partido. E embora tais ilusões existissem, primeiro em relação ao partido antigo e depois em relação aos socialistas independentes, elas não explicam completamente a hesitação por parte dos líderes espartaquistas de adotar os caminhos do bolchevismo. Na verdade, os espartaquistas enfrentaram um dilema, não importando em que direção eles estivessem. Ao não tentar - na hora certa - romper resolutamente com a social-democracia, perderam a chance de formar uma organização forte, capaz de desempenhar um papel decisivo nas convulsões sociais esperadas. No entanto, em vista da situação real na Alemanha, tendo em vista a história do movimento operário alemão, era muito difícil acreditar na possibilidade de formar rapidamente uma contraparte às organizações trabalhistas dominantes. É claro que poderia ter sido possível formar um partido de maneira leninista, um partido de revolucionários profissionais, disposto a usurpar o poder, se necessário, contra a vontade da maioria da classe trabalhadora. Mas isso era precisamente o que as pessoas ao redor de Rosa Luxemburgo não aspiravam. Ao longo dos anos de sua oposição ao reformismo e ao revisionismo, eles nunca haviam diminuído sua distância da "esquerda" russa, do conceito de organização e revolução de Lenin. Em pesadas controvérsias, Rosa Luxemburgo havia assinalado que os conceitos de Lênin eram de natureza jacobina e inaplicáveis na Europa Ocidental, onde não era uma revolução burguesa, mas uma revolução proletária, a ordem do dia. Embora também falasse da ditadura do proletariado, significava para ela, em distinção a Lênin, “a maneira como a democracia é empregada, não em sua abolição - deveria ser o trabalho da classe, e não de uma pequena minoria em nome da classe”.

Com entusiasmo, como Liebknecht, Luxemburgo e Rühle saudaram a derrubada do czarismo, eles não perderam suas capacidades críticas, nem esqueceram o caráter do partido bolchevique, nem as limitações históricas da Revolução Russa. Mas, independentemente das realidades imediatas e do resultado final dessa revolução, ela deveria ser apoiada como uma primeira ruptura na falange imperialista e como precursora da esperada revolução alemã. Destes últimos, muitos sinais apareceram em greves, motins de fome, motins e todos os tipos de resistências passivas. Mas a crescente oposição à guerra e à ditadura de Ludendorff não encontrou expressão organizacional de forma significativa. Em vez de ir para a esquerda, as massas seguiram suas antigas organizações, que se alinharam com a burguesia liberal.

A revolução alemã parecia ser mais significativa do que realmente era. O entusiasmo espontâneo dos trabalhadores foi mais para acabar com a guerra do que para mudar as relações sociais existentes. Suas demandas, expressas através dos conselhos de trabalhadores e soldados, não transcenderam as possibilidades da sociedade burguesa. Mesmo a minoria revolucionária, e particularmente o Spartakusbund, não conseguiu desenvolver um programa revolucionário consistente. Suas demandas políticas e econômicas eram de natureza dupla; eles foram construídos para servir como demandas a serem acordadas pela burguesia e seus aliados socialdemocratas, e como slogans de uma revolução que deveria acabar com a sociedade burguesa e seus partidários.

É claro que, no oceano da mediocridade que foi a revolução alemã, havia correntes revolucionárias que aqueciam os corações dos radicais e os induziam a empreender ações historicamente bem fora de lugar. Sucessos parciais, devido ao atordoamento temporário das classes dominantes e à passividade geral das grandes massas - exauridos por quatro anos de fome e guerra - alimentaram a esperança de que a revolução terminasse em uma sociedade socialista. Somente ninguém realmente sabia como seria a sociedade socialista, que medidas deveriam ser tomadas para levá-la à existência. “Todo poder para os conselhos de trabalhadores e soldados”, por mais atraente que seja o slogan, deixa abertas todas as questões essenciais. As lutas revolucionárias que se seguiram a novembro de 1918 não foram, portanto, determinadas pelos planos conscientemente inventados da minoria revolucionária, mas foram impostas pela contra-revolução, que se desenvolvia lentamente e que era apoiada pela maioria do povo. O fato era que as amplas massas alemãs dentro e fora do movimento trabalhista não esperavam o estabelecimento de uma nova sociedade, mas de trás para a restauração do capitalismo liberal sem seus aspectos

ruins, suas desigualdades políticas, seu militarismo e imperialismo. Eles apenas desejavam a conclusão das reformas iniciadas antes da guerra que foram projetadas para conduzir a um sistema capitalista benevolente. O fato era que as amplas massas alemãs dentro e fora do movimento trabalhista não esperavam o estabelecimento de uma nova sociedade, mas de trás para a restauração do capitalismo liberal sem seus aspectos ruins, suas desigualdades políticas, seu militarismo e imperialismo. Eles apenas desejavam a conclusão das reformas iniciadas antes da guerra que foram projetadas para conduzir a um sistema capitalista benevolente. O fato era que as amplas massas alemãs dentro e fora do movimento trabalhista não esperavam o estabelecimento de uma nova sociedade, mas de trás para a restauração do capitalismo liberal sem seus aspectos ruins, suas desigualdades políticas, seu militarismo e imperialismo. Eles apenas desejavam a conclusão das reformas iniciadas antes da guerra que foram projetadas para conduzir a um sistema capitalista benevolente.

A ambigüidade que caracterizou a política do Spartakusbund foi em grande parte o resultado do conservadorismo das massas. Os líderes espartaquistas estavam prontos, por um lado, a seguir o claro curso revolucionário desejado pela chamada "ultra-esquerda" e, por outro lado, tinham certeza de que tal política não poderia ser bem sucedida em vista da massa predominante.

O efeito da Revolução Russa sobre a Alemanha dificilmente foi notado. Tampouco havia qualquer razão para esperar que uma mudança radical na Alemanha tivesse qualquer repercussão na França, na Inglaterra e na América. Se tivesse sido difícil para os Aliados interferirem decisivamente na Rússia, eles enfrentariam menores dificuldades em esmagar uma revolta comunista alemã. Emergindo da guerra vitoriosa, o capitalismo dessas nações foi enormemente fortalecido; não havia nenhuma indicação real de que suas massas patrióticas se recusariam a lutar contra uma Alemanha revolucionária mais fraca. De qualquer forma, além de tais considerações, havia poucas razões para acreditar que as massas alemãs, empenhadas em se livrar de suas armas, retomassem a guerra contra o capitalismo estrangeiro a fim de se livrarem das suas. A política que aparentemente era a mais "realista" para lidar com a situação internacional e que logo seria proposta por Wolffheim e Laufenberg sob o nome de nacional-bolchevismo ainda era irrealista em vista das verdadeiras relações de poder após a guerra. O plano de retomar a guerra com a ajuda da Rússia contra o capitalismo aliado não levou em consideração que os bolcheviques não estavam preparados nem aptos a

participar de tal aventura. É claro que os bolcheviques não eram contrários à Alemanha ou a qualquer outra nação que criasse dificuldades para os imperialistas vitoriosos, mas não encorajavam a ideia de uma nova guerra em larga escala para levar adiante a "revolução mundial". Eles desejavam apoio para seu próprio regime, cuja permanência ainda era questionada pelos próprios bolcheviques, mas eles não estavam interessados em apoiar revoluções em outros países por meios militares. Ambos seguirem um curso nacionalista, independente da questão das alianças, e unir a Alemanha mais uma vez por uma guerra de "libertação" da opressão estrangeira estava fora de questão porque essas camadas sociais que os "revolucionários nacionais" teriam para vencer a causa deles estavam precisamente as pessoas que acabaram com a guerra antes da derrota completa dos exércitos alemães, a fim de impedir uma nova disseminação do "bolchevismo". Incapazes de se tornar os mestres do capitalismo internacional, eles preferiram se manter como seus melhores servos. No entanto, não havia como lidar com questões internas alemãs que não envolvessem uma política externa definida.

A necessidade de considerar seriamente as relações internacionais nunca surgiu, no entanto, para a esquerda alemã. Talvez essa tenha sido a indicação mais clara de sua insignificância. Nem a questão sobre o que fazer com o poder político, uma vez que foi captado, foi levantado concretamente. Ninguém parecia acreditar que essas perguntas precisariam ser respondidas. Liebknecht e Luxemburgo tinham certeza de que um longo período de lutas de classes estava enfrentando o proletariado alemão, sem nenhum sinal de uma vitória inicial. Eles queriam fazer o melhor possível, sugerindo um retorno ao parlamento e ao trabalho sindical. No entanto, em suas atividades anteriores, eles já haviam ultrapassado as fronteiras da política burguesa; eles não podiam mais voltar para as prisões da tradição. Eles haviam reunido em torno de si o elemento mais radical do proletariado alemão que estava determinado a considerar qualquer luta a luta final contra o capital. Esses trabalhadores interpretaram a revolução russa de acordo com suas próprias necessidades e sua própria mentalidade; eles se importavam menos com as dificuldades que ocorriam no futuro do que com a destruição tão rápida quanto possível das forças do passado. Havia apenas dois caminhos abertos aos revolucionários: ou descer com as forças cuja causa é perdida antecipadamente, ou retornar ao rebanho da democracia burguesa e realizar trabalho social para as classes dominantes. Para o verdadeiro revolucionário, havia apenas um caminho: descer com os combatentes. É por isso que Eugen Levine falou do revolucionário como "uma pessoa morta em folga", e por

que Rosa Luxemburgo e Liebknecht morreram quase sonambulicamente. É um mero acidente que Otto Rühle e muitos outros da esquerda determinada permaneceram vivos.

IV

O fato de a burguesia internacional poder concluir sua guerra com não mais do que a perda temporária de negócios russos determinou toda a história do pós-guerra até a segunda guerra mundial. Em retrospecto, as lutas do proletariado alemão de 1919 a 1923 parecem menores atritos que acompanharam o processo de reorganização capitalista que se seguiu à crise de guerra. Mas sempre houve uma tendência a considerar os subprodutos de mudanças violentas na estrutura capitalista como expressões da vontade revolucionária do proletariado. Os otimistas radicais, no entanto, estavam apenas assobiando no escuro. A escuridão é real, com certeza, e o barulho é encorajador, mas a esta hora tardia não há necessidade de levar isso muito a sério. Tão impressionante quanto o registro de Otto Rühle como revolucionário prático pode ser, tão emocionante quanto recordar as ações proletárias em Dresden, na Saxônia, na Alemanha - as reuniões, manifestações, greves, brigas de rua, as discussões acaloradas: as esperanças, medos e decepções, a amargura da derrota e a dor da prisão e a morte - mas nenhuma lição, a não ser as lições negativas, pode ser tirada de todos esses empreendimentos. Toda a energia e todo o entusiasmo não foram suficientes para provocar uma mudança social nem para alterar a mente contemporânea. A lição aprendida foi como não proceder. Como perceber as necessidades revolucionárias do proletariado não foi descoberto. a amargura da derrota e a dor da prisão e da morte - mas nenhuma lição, a não ser as lições negativas, pode ser tirada de todos esses empreendimentos. Toda a energia e todo o entusiasmo não foram suficientes para provocar uma mudança social nem para alterar a mente contemporânea. A lição aprendida foi como não proceder. Como perceber as necessidades revolucionárias do proletariado não foi descoberto. a amargura da derrota e a dor da prisão e da morte - mas nenhuma lição, a não ser as lições negativas, pode ser tirada de todos esses empreendimentos. Toda a energia e todo o entusiasmo não foram suficientes para provocar uma mudança social nem para alterar a mente contemporânea. A lição aprendida foi como não proceder. Como perceber as necessidades revolucionárias do proletariado não foi descoberto.

As sublevações emocionais proporcionaram um incentivo sem fim para a pesquisa. A revolução, que por tanto tempo fora mera teoria e uma vaga esperança,

aparecera por um momento como uma possibilidade prática. A chance tinha sido perdida, sem dúvida, mas voltaria a ser melhor utilizada na próxima vez. Se não o povo, pelo menos os "tempos" eram revolucionários e as condições de crise prevalecentes mais cedo ou mais tarde revolucionariam as mentes dos trabalhadores. Se as ações tivessem sido encerradas pelos esquadrões de fogo da polícia social-democrata, se a iniciativa dos trabalhadores fosse mais uma vez destruída pela emasculação de seus conselhos por legalização, se seus líderes estavam novamente atuando não com a classe, mas "em nome da classe" nas várias instituições capitalistas - a guerra revelou que as contradições capitalistas fundamentais não podiam ser resolvidas e que as condições de crise eram agora as condições normais do capitalismo. Novas ações revolucionárias eram prováveis e encontrariam os revolucionários melhor preparados.

Embora as revoluções na Alemanha, Áustria e Hungria tivessem fracassado, ainda havia a Revolução Russa para lembrar ao mundo a realidade das reivindicações proletárias. Todas as discussões giraram em torno dessa revolução, e com razão, pois essa revolução foi determinar o curso futuro da esquerda alemã. Em dezembro de 1918, o Partido Comunista da Alemanha foi formado. Após o assassinato de Liebknecht e Luxemburgo, foi liderado por Paul Levi e Karl Radek. Essa nova liderança foi imediatamente atacada por uma oposição de esquerda dentro do partido ao qual Rühle pertencia, por causa de sua tendência a advogar um retorno às atividades parlamentares. Na fundação do partido, seus elementos radicais haviam conseguido dar-lhe um caráter anti-parlamentarista e um amplo controle democrático em distinção ao tipo de organização leninista. Uma política anti-sindical também foi adotada. Liebknecht e Luxemburgo subordinaram suas próprias visões divergentes às da maioria radical. Não é assim Levi e Radek. Já no verão de 1919, eles deixaram claro que iriam dividir o partido para participar das eleições parlamentares. Simultaneamente, começaram a se propagar para o retorno ao trabalho sindical, apesar do fato de o partido já estar engajado na formação de novas organizações, não mais baseadas em negócios ou mesmo indústrias, mas em fábricas. Essas organizações fabris foram combinadas em uma organização de classe, a União Geral dos Trabalhadores (Allgemeine Arbeiter Union Deutschlands). Na convenção de Heidelberg, em outubro de 1919, todos os delegados que discordaram do novo comitê central e mantiveram a posição assumida na fundação do Partido Comunista foram expulsos. Em fevereiro, o comitê central decidiu se livrar de todos os distritos controlados pela oposição de esquerda. A "oposição" tinha por sua vez o departamento

de Amsterdã da Internacional Comunista, que levou à dissolução daquela agência pela Internacional para apoiar a combinação Levi-Radek. E finalmente, em abril de 1920, a ala esquerda fundou o Partido Comunista dos Trabalhadores (Kommunistische Arbeiter Partei Deutschlands). Ao longo desse período, Otto Rühle estava do lado da oposição de esquerda. A "oposição" tinha por sua vez o departamento de Amsterdã da Internacional Comunista, que levou à dissolução daquela agência pela Internacional para apoiar a combinação Levi-Radek. E finalmente, em abril de 1920, a ala esquerda fundou o Partido Comunista dos Trabalhadores (Kommunistische Arbeiter Partei Deutschlands). Ao longo desse período, Otto Rühle estava do lado da oposição de esquerda. A "oposição" tinha por sua vez o departamento de Amsterdã da Internacional Comunista, que levou à dissolução daquela agência pela Internacional para apoiar a combinação Levi-Radek. E finalmente, em abril de 1920, a ala esquerda fundou o Partido Comunista dos Trabalhadores (Kommunistische Arbeiter Partei Deutschlands). Ao longo desse período, Otto Rühle estava do lado da oposição de esquerda.

O Partido Comunista dos Trabalhadores não percebeu ainda que sua luta contra os grupos em torno de Levi e Radek era a retomada da velha luta da esquerda alemã contra o bolchevismo, e em um sentido mais amplo contra a nova estrutura do capitalismo mundial que estava lentamente tomando forma. Foi decidido entrar na Internacional Comunista. Parecia ser mais bolchevique do que os bolcheviques. De todos os grupos revolucionários, por exemplo, foi o mais insistente na ajuda direta aos bolcheviques durante a guerra russo-polonesa. Mas a Internacional Comunista não precisou decidir novamente contra a "ultra-esquerda"; seus líderes haviam tomado sua decisão vinte anos antes. Mesmo assim, o comitê executivo da Internacional Comunista ainda tentava manter contato com o Partido Comunista dos Trabalhadores não só porque ainda continha a maioria do antigo Partido Comunista, mas também porque tanto Levi quanto Radek, embora fazendo o trabalho dos bolcheviques na Alemanha, foram os discípulos mais próximos não de Lênin, mas de Rosa Luxemburgo. No Segundo Congresso Mundial da Terceira Internacional, em 1920, os bolcheviques russos já estavam em posição de ditar a política da Internacional. Otto Rühle, presente no Congresso, reconheceu a impossibilidade de alterar esta situação e a necessidade imediata de combater a Internacional Bolchevique no interesse da revolução proletária. foram os discípulos mais próximos não de Lênin, mas de Rosa Luxemburgo. No Segundo Congresso Mundial da Terceira Internacional, em 1920, os bolcheviques russos já estavam em posição de ditar

a política da Internacional. Otto Rühle, presente no Congresso, reconheceu a impossibilidade de alterar esta situação e a necessidade imediata de combater a Internacional Bolchevique no interesse da revolução proletária. Foram os discípulos mais próximos não de Lênin, mas de Rosa Luxemburgo. No Segundo Congresso Mundial da Terceira Internacional, em 1920, os bolcheviques russos já estavam em posição de ditar a política da Internacional. Otto Rühle, presente no Congresso, reconheceu a impossibilidade de alterar esta situação e a necessidade imediata de combater a Internacional Bolchevique no interesse da revolução proletária.

O Partido Comunista dos Trabalhadores enviou uma nova delegação a Moscou apenas para retornar com os mesmos resultados. Estas foram resumidas na *Carta Aberta de Herman Gorter a Lênin*, que respondeu ao *Comunismo da Esquerda de Lenin - Uma Desordem Infantil*. As ações da Internacional contra a "ultra-esquerda" foram as primeiras tentativas abertas de interferir e controlar todas as várias seções nacionais. A pressão sobre o Partido Comunista dos Trabalhadores para retornar ao parlamentarismo e ao sindicalismo aumentou constantemente, mas o Partido Comunista dos Trabalhadores retirou-se da Internacional após o seu Terceiro Congresso.

V

No Segundo Congresso Mundial, os líderes bolcheviques, para assegurar o controle da Internacional, propuseram vinte e uma condições de admissão à Internacional Comunista. Como controlavam o Congresso, não tiveram dificuldade em conseguir que essas condições fossem adotadas. Depois disso, a luta sobre as questões de organização que, vinte anos antes, haviam causado controvérsias entre Luxemburgo e Lênin, foi retomada abertamente. Por trás das questões organizacionais debatidas estavam, é claro, as diferenças fundamentais entre a revolução bolchevique e as necessidades do proletariado ocidental.

Para Otto Rühle, essas vinte e uma condições foram suficientes para destruir suas últimas ilusões sobre o regime bolchevique. Essas condições dotaram o executivo da Internacional, isto é, os líderes do partido russo, com total controle e autoridade sobre todas as seções nacionais. Na opinião de Lenin, não foi possível realizar a ditadura em escala internacional “sem um partido estritamente centralizado e disciplinado, capaz de liderar e administrar todos os ramos, todas as esferas, todas as variedades de trabalho

político e cultural”. Para Rühle, a princípio parecia que, por trás da atitude autocrática de Lênin, havia apenas a arrogância do vencedor que tentava transmitir ao mundo os métodos de luta e o tipo de organização que levava o poder aos bolcheviques. Essa atitude - que insistia em aplicar a experiência russa à Europa Ocidental, onde condições inteiramente diferentes prevaleciam - aparecia como um erro, um erro político, uma falta de compreensão das peculiaridades do capitalismo ocidental e o resultado da preocupação fanática de Lênin com os problemas russos. A política de Lênin parecia ser determinada pelo atraso do desenvolvimento capitalista russo e, embora tivesse de ser combatida na Europa Ocidental, uma vez que tendia a apoiar a restauração capitalista, não poderia ser chamada de força contra-revolucionária de direita. Essa visão benevolente da revolução bolchevique logo seria destruída pelas atividades posteriores dos próprios bolcheviques. falta de compreensão das peculiaridades do capitalismo ocidental e resultado da preocupação fanática de Lênin com os problemas russos. A política de Lênin parecia ser determinada pelo atraso do desenvolvimento capitalista russo e, embora tivesse de ser combatida na Europa Ocidental, uma vez que tendia a apoiar a restauração capitalista, não poderia ser chamada de força contra-revolucionária de direita. Essa visão benevolente da revolução bolchevique logo seria destruída pelas atividades posteriores dos próprios bolcheviques. falta de compreensão das peculiaridades do capitalismo ocidental e resultado da preocupação fanática de Lênin com os problemas russos. A política de Lênin parecia ser determinada pelo atraso do desenvolvimento capitalista russo e, embora tivesse de ser combatida na Europa Ocidental, uma vez que tendia a apoiar a restauração capitalista, não poderia ser chamada de força contra-revolucionária de direita. Essa visão benevolente da revolução bolchevique logo seria destruída pelas atividades posteriores dos próprios bolcheviques. não poderia ser chamada de força contra-revolucionária. Essa visão benevolente da revolução bolchevique logo seria destruída pelas atividades posteriores dos próprios bolcheviques. não poderia ser chamada de força contra-revolucionária. Essa visão benevolente da revolução bolchevique logo seria destruída pelas atividades posteriores dos próprios bolcheviques.

Os bolcheviques passaram de pequenos "erros" a "erros" sempre maiores. Embora o Partido Comunista Alemão, afiliado à Terceira Internacional, tenha crescido de forma constante, particularmente depois de sua unificação com os socialistas independentes, a classe proletária, já na defensiva, perdeu uma posição atrás da outra para as forças da reação capitalista. Competindo com o Partido Social-Democrata, o que representou parte

da classe média e da chamada aristocracia operária sindicalista, o Partido Comunista não podia deixar de crescer como essas camadas sociais que tornaram-se pauperizadas na depressão permanente em que o capitalismo alemão se encontrava. Com o crescimento constante do desemprego, a insatisfação com o status quo e seus partidários mais leais, os social-democratas alemães, também aumentaram.

Apenas o lado heroico da Revolução Russa foi popularizado, o verdadeiro caráter cotidiano do regime bolchevique foi escondido por seus amigos e inimigos. Pois, neste momento, o capitalismo de estado que se desdobrava na Rússia ainda era tão estranho para a burguesia, doutrinado com a ideologia do laissez-faire, quanto o socialismo propriamente dito. E o socialismo foi concebido pela maioria dos socialistas como uma espécie de controle estatal da indústria e dos recursos naturais. A Revolução Russa tornou-se um mito poderoso e habilmente promovido, aceito pelas seções empobrecidas do proletariado alemão para compensar sua crescente miséria. O mito foi reforçado pelos reacionários para aumentar o ódio dos seus seguidores pelos trabalhadores alemães e por todas as tendências revolucionárias em geral.

Contra o mito, contra o poderoso aparato de propaganda da Internacional Comunista que construiu o mito, que foi acompanhado e apoiado por uma ofensiva geral de capital contra o trabalho em todo o mundo - contra tudo isso, a razão não poderia prevalecer. Todos os grupos radicais à esquerda do Partido Comunista passaram da estagnação à desintegração. Não ajudava que esses grupos tivessem a política certa e o Partido Comunista a política "errada", pois nenhuma questão de estratégia revolucionária estava envolvida. O que estava acontecendo era que o capitalismo mundial estava passando por um processo de estabilização e se livrando dos elementos proletários perturbadores que, sob as condições de crise da guerra e do colapso militar, haviam tentado se afirmar politicamente.

A Rússia, que dentre todas as nações mais necessitava de estabilização, foi o primeiro país a destruir seu movimento operário por meio da ditadura do partido bolchevique. Sob as condições do imperialismo, no entanto, a estabilização interna só é possível pela política do poder externo. O caráter da política externa russa sob os bolcheviques foi determinado pelas peculiaridades da situação europeia do pós-guerra. O imperialismo moderno não está mais contente em apenas afirmar-se por meio de pressão militar e guerra real. A "quinta coluna" é a arma reconhecida de todas as nações. No entanto, a virtude imperialista de hoje ainda era uma necessidade absoluta para os

bolcheviques que tentavam se manter em um mundo de competição imperialista. Não havia nada de contraditório na política bolchevique de tirar todo o poder dos trabalhadores russos e, ao mesmo tempo, tentando construir organizações trabalhistas fortes em outras nações. Assim como essas organizações precisavam ser flexíveis para se movimentar de acordo com as necessidades políticas em mudança da Rússia, seu controle de cima tinha que ser rígido.

É claro que os bolcheviques não consideravam as várias seções de sua Internacional como meras legiões estrangeiras a serviço da pátria dos "trabalhadores". Eles acreditavam que o que ajudava a Rússia também servia de progresso em outros lugares. Eles acreditavam, e com razão, que a Revolução Russa havia iniciado um movimento geral e mundial do capitalismo monopolista ao capitalismo de estado, e sustentavam que esse novo estado de coisas era um passo na direção do socialismo. Em outras palavras, se não em suas táticas, então em sua teoria eles ainda eram social-democratas e do ponto de vista deles os líderes social-democratas eram realmente traidores de sua própria causa quando ajudavam a preservar o *laissez faire*. capitalismo de ontem. Contra a social-democracia, eles se sentiam como verdadeiros revolucionários; contra a "ultra-esquerda", sentiam-se realistas, os verdadeiros representantes do socialismo científico.

Mas o que eles pensavam de si mesmos e o que eles realmente eram são coisas diferentes. Na medida em que continuaram a entender mal sua missão histórica, estavam continuamente derrotando sua própria causa; na medida em que foram forçados a corresponder às necessidades objetivas de sua revolução, tornaram-se a maior força contra-revolucionária do capitalismo moderno. Lutando como verdadeiros social-democratas pelo predomínio no movimento socialista mundial, identificando os estreitos interesses nacionalistas da Rússia capitalista de Estado com os interesses do proletariado mundial, e tentando manter a todo custo a posição de poder que haviam conquistado em 1917, eles estavam meramente preparando sua própria queda, que foi dramatizada em numerosas lutas faccionais, alcançou seu clímax em os julgamentos de Moscou,

Em vista desse desenvolvimento, o que foi mais importante que a implacável crítica de Otto Rühle às políticas reais dos bolcheviques na Alemanha e no mundo em geral foi seu reconhecimento precoce da real importância histórica do movimento bolchevique, isto é, da militância socialista. democracia. O que um movimento social-democrata conservador era capaz de fazer e de não fazer, os partidos da Alemanha, França

e Inglaterra revelaram com muita clareza. Os bolcheviques mostraram o que teriam feito se ainda fossem um movimento subversivo. Eles teriam tentado organizar o capitalismo desorganizado e substituir os empreendedores individuais pelos burocratas. - eles não tinham outros planos e mesmo estes eram apenas extensões do processo de cartelização, de confiança e centralização que ocorria em todo o mundo capitalista. Na Europa Ocidental, no entanto, os partidos socialistas não podiam mais agir de maneira bolchevique, pois sua burguesia já instituía esse tipo de "socialização" por conta própria. Tudo o que os socialistas podiam fazer era dar-lhes uma mão, isto é, crescer lentamente na emergente "sociedade socialista".

O significado do bolchevismo foi completamente revelado apenas com o surgimento do fascismo. Para combater este último, era necessário, nas palavras de Otto Rühle, reconhecer que “a luta contra o fascismo começa com a luta contra o bolchevismo”. À luz do presente, os grupos de "ultra-esquerda" na Alemanha e na Holanda devem ser considerados as primeiras organizações antifascistas, antecipando em sua luta contra os partidos comunistas a necessidade futura da classe trabalhadora de combater a forma fascista do capitalismo. . Os primeiros teóricos do antifascismo podem ser encontrados entre os porta-vozes das seitas radicais: Gorter e Pannekoek na Holanda; Rühle, Pfemfert, Broh e Fraenkel na Alemanha; e eles podem ser considerados como tais em razão de sua luta contra o conceito de governo partidário e controle estatal,

Pouco antes de sua morte, Rühle, resumindo suas descobertas a respeito do bolchevismo, não hesitou em colocar a Rússia em primeiro lugar entre os olhares totalitários. “Ele serviu de modelo para outras ditaduras capitalistas. As divergências ideológicas não diferenciam realmente os sistemas socioeconômicos. A abolição da propriedade privada nos meios de produção (combinada com) o controle dos trabalhadores sobre os produtos de seu trabalho e o fim do sistema de salários.” Ambas as condições, no entanto, não são cumpridas na Rússia, assim como nos estados fascistas.

Para deixar claro o caráter fascista do sistema russo, Rühle voltou-se mais uma vez ao Comunismo de Esquerda de Lenin - Uma Desordem Infantil, pois “de todas as declarações programáticas do bolchevismo era o mais revelador de seu caráter real”. Quando, em 1933, Hitler suprimiu toda a literatura socialista na Alemanha, relatada por Rühle, o panfleto de Lenin foi autorizado a ser publicado e distribuído. Nesta obra Lenin insiste que o partido deve ser uma espécie de academia de guerra de revolucionários profissionais. Suas principais exigências eram autoridade líder incondicional, centralismo

rígido, disciplina de ferro, conformidade, militância e sacrifício de personalidade para interesses partidários. E Lenin realmente desenvolveu uma elite de intelectuais, um centro que, quando lançado na revolução, era para capturar a liderança, e assumir o poder. "Não adianta tentar", disse Rühle, "Determinar logicamente e abstratamente se este tipo de preparação para a revolução é errado ou certo ... Outras questões devem ser levantadas primeiro; Que tipo de revolução estava em preparação? E qual foi o objetivo da revolução? "Ele respondeu mostrando que o partido de Lenin trabalhou dentro da revolução burguesa tardia na Rússia para derrubar o regime feudal do czarismo. O que pode ser considerado como uma solução para os problemas revolucionários em uma revolução burguesa não pode, entretanto, ser, ao mesmo tempo, considerado uma solução para a revolução proletária. As diferenças estruturais decisivas entre a sociedade capitalista e socialista excluem tal atitude. De acordo com o método revolucionário de Lenin, os líderes aparecem como líderes das massas. "Essa distinção entre cabeça e corpo", ressaltou Rühle, "entre intelectuais e trabalhadores, oficiais e privados, corresponde à dualidade da sociedade de classes. Uma classe é educada para governar; o outro a ser governado. A organização de Lenin é apenas uma réplica da sociedade burguesa. Sua revolução é objetivamente determinada pelas forças que criam uma ordem social que incorpora essas relações de classe, independentemente dos objetivos subjetivos que acompanham esse processo."

Certamente, quem quiser ter uma ordem burguesa, encontrará no divórcio entre o líder e as massas, a guarda avançada e a classe trabalhadora, a preparação estratégica certa para a revolução. Ao aspirar a liderar a revolução burguesa na Rússia, o partido de Lenin era altamente apropriado. Quando, no entanto, a Revolução Russa mostrou suas características proletárias, os métodos táticos e estratégicos de Lenine deixaram de ser valiosos. Seu sucesso não se devia à sua guarda avançada, mas ao movimento soviético que não havia sido incorporado em seus planos revolucionários. E quando Lenin, após a revolução bem-sucedida feita pelos soviets, dispensou esse movimento, todos os que haviam sido proletários na revolução também foram dispensados.

Lenin, diz Rühle, pensava em regras rígidas e mecânicas, apesar de toda sua preocupação com a dialética marxista. Havia apenas uma festa para ele - a dele; apenas uma revolução - a russa; apenas um método - o bolchevique. "A aplicação monótona de uma fórmula descoberta uma vez mudou-se em um círculo egocêntrico não perturbado pelo tempo e pelas circunstâncias, pelos graus de desenvolvimento, pelos padrões

culturais, pelas ideias e pelos homens. Em Lênin, veio à luz com grande clareza a regra da era das máquinas na política; ele era o "técnico", o "inventor" da revolução. Todas as características fundamentais do fascismo estavam em sua doutrina, sua estratégia, seu "planejamento social" e sua arte de lidar com os homens ... Ele nunca aprendeu a conhecer os pré-requisitos para a libertação dos trabalhadores; ele não se incomodou com a falsa consciência das massas e sua auto-alienação humana. Todo o problema para ele era nada mais do que um problema de poder. O bolchevismo, como representando uma política militante de poder, não difere das formas burguesas tradicionais de governo. A regra serve como o grande exemplo de organização. O bolchevismo é uma ditadura, uma doutrina nacionalista, um sistema autoritário com uma estrutura social capitalista. Seu "planejamento" diz respeito a questões técnico-organizacionais e não sócio-econômicas. É revolucionário apenas no âmbito do desenvolvimento capitalista, estabelecendo não o socialismo, mas o capitalismo de estado. Representa o atual estágio do capitalismo e não um primeiro passo em direção a uma nova sociedade ”. O bolchevismo, como representando uma política militante de poder, não difere das formas burguesas tradicionais de governo. A regra serve como o grande exemplo de organização. O bolchevismo é uma ditadura, uma doutrina nacionalista, um sistema autoritário com uma estrutura social capitalista. Seu "planejamento" diz respeito a questões técnico-organizacionais e não sócio-econômicas. É revolucionário apenas no âmbito do desenvolvimento capitalista, estabelecendo não o socialismo, mas o capitalismo de estado. Representa o atual estágio do capitalismo e não um primeiro passo em direção a uma nova sociedade ”. O bolchevismo, como representando uma política militante de poder, não difere das formas burguesas tradicionais de governo. A regra serve como o grande exemplo de organização. O bolchevismo é uma ditadura, uma doutrina nacionalista, um sistema autoritário com uma estrutura social capitalista. Seu "planejamento" diz respeito a questões técnico-organizacionais e não sócio-econômicas. É revolucionário apenas no âmbito do desenvolvimento capitalista, estabelecendo não o socialismo, mas o capitalismo de estado. Representa o atual estágio do capitalismo e não um primeiro passo em direção a uma nova sociedade”. Seu "planejamento" diz respeito a questões técnico-organizacionais e não sócio-

econômicas. É revolucionário apenas no âmbito do desenvolvimento capitalista, estabelecendo não o socialismo, mas o capitalismo de estado. Representa o atual estágio do capitalismo e não um primeiro passo em direção a uma nova sociedade”.

(no próximo número, será apresentado o restante do documento de Paul Mattick sobre Otho Rühle)

OTHO RÜHLE E O MOVIMENTO OPERÁRIO ALEMÃO¹

PARTE II²

Paul Mattick³

VI

Os soviets russos e os conselhos alemães de trabalhadores e soldados representavam o elemento proletário tanto na revolução russa quanto na alemã. Em ambas as nações, esses movimentos foram logo reprimidos por meios militares e judiciais. O que restou dos soviets russos após o firme entrenchamento da ditadura do partido bolchevique foi meramente a versão russa da última frente trabalhista nazista. O movimento do conselho alemão legalizado se transformou em um apêndice do sindicalismo e logo em um instrumento capitalista de controle. Mesmo os conselhos formados espontaneamente de 1918 eram - a maioria deles - longe de serem revolucionários. Sua forma de organização, baseada nas necessidades de classe e não nos vários interesses especiais resultantes da divisão capitalista do trabalho, era tudo o que era radical sobre eles. Mas quaisquer que sejam suas deficiências, deve-se dizer que não havia mais nada em que basear as esperanças revolucionárias. Embora frequentemente se voltassem contra a esquerda, ainda se esperava que as necessidades objetivas desse movimento o levassem inevitavelmente a entrar em conflito com as potências tradicionais. Essa forma de organização deveria ser preservada em seu caráter original e construída em preparação para futuras lutas.

Pensando em termos de uma contínua revolução alemã, a "ultra-esquerda" estava comprometida com uma luta até o fim contra os sindicatos e contra os partidos parlamentares existentes; em resumo, contra todas as formas de oportunismo e compromisso. Pensando em termos da probabilidade de uma existência lado a lado com

¹ O alemão Otho Rühle (1874-1943) foi fundador (junto com Karl Liebknecht, Rosa Luxemburgo, entre outros) da Liga Espartaquista (1916). Extraído de: *Comunismo Anti-Bolchevique*. Londres: Merlin Press, 1978. Tradução do original em inglês de Angélica Lovatto.

² (...) Continuação do documento de Paul Mattick sobre Otho Rühle, iniciado no número anterior de *Novos Rumos*.

³ Paul Mattick (1904-1981). Nasce na Alemanha, exila-se a maior parte de sua vida nos Estados Unidos da América. Foi militante espartaquista. Ao abandonar a Liga, adere ao Comunismo de Conselhos. Torna-se delegado do Conselho Operário das fábricas Siemens no período da Revolução Alemã de 1918.

as velhas potências capitalistas, os bolcheviques russos não podiam conceber uma política sem compromissos. Os argumentos de Lenin em defesa da posição bolchevique em relação aos sindicatos, parlamentarismo e oportunismo em geral elevaram as necessidades particulares do bolchevismo a falsos princípios revolucionários. No entanto, não serviria para mostrar o caráter ilógico dos argumentos bolcheviques, pois, por mais ilógicos que fossem os argumentos do ponto de vista revolucionário,

Os princípios de Lenin eram falsos do ponto de vista proletário tanto na Rússia quanto na Europa Ocidental, demonstrou Otto Rühle em vários panfletos e em numerosos artigos na imprensa da General Labour Union e na revista de esquerda de Franz Pfemfert, *Die Aktion*. Ele expôs o truque expediente envolvido em dar a esses princípios uma aparência lógica, um truque que consistia em citar uma experiência específica em um determinado período sob circunstâncias particulares, a fim de extrair conclusões de aplicação imediata e geral. Como os sindicatos tinham sido de algum valor, porque o parlamento já havia servido às necessidades de propaganda revolucionária, porque ocasionalmente o oportunismo resultou em certos ganhos para os trabalhadores, eles permaneceram para Lenin os médiums mais importantes da política proletária para todos os tempos e sob todas as circunstâncias. E como se tudo isso não confinasse o adversário, Lenin gostava de apontar que, independentemente de essas políticas e organizações serem ou não as certas, ainda era um fato que os trabalhadores aderiram a elas e que o revolucionário deve estar sempre onde as massas estão.

Essa estratégia fluiu da abordagem capitalista de Lenin à política. Nunca pareceu entrar em sua mente que as massas também estavam em fábricas e que organizações revolucionárias de fábricas não podiam perder contato com as massas, mesmo que tentassem. Nunca pareceu lhe ocorrer que, com a mesma lógica de manter os revolucionários nas organizações reacionárias, ele poderia exigir sua presença na igreja, nas organizações fascistas ou onde quer que massas pudessem ser encontradas. Certamente, este teria lhe ocorrido se houvesse a necessidade de se unir abertamente com as forças da reação, como aconteceu em um dia posterior sob o regime stalinista.

Ficou claro para Lenin que, para os propósitos do bolchevismo, as organizações do conselho eram as menos adequadas. Não existe apenas um pequeno espaço nas organizações de fábrica para os revolucionários profissionais, mas a experiência russa mostrou como era difícil "administrar" um movimento soviético. De qualquer forma, os

de sindicatos, parlamentos e partidos e também de partidários capitalistas, o que tornava o oportunismo uma necessidade e um prazer.

Não há mais necessidade de apontar para as muitas "ofensas" do bolchevismo na Alemanha e no mundo em geral. Na teoria e na prática, o regime stalinista declara-se um poder capitalista e imperialista, opondo-se não apenas à revolução proletária, mas até às reformas fascistas do capitalismo. E de fato favorece a manutenção da democracia burguesa, a fim de utilizar mais plenamente sua própria estrutura fascista. Assim como a Alemanha estava muito pouco interessada em espalhar o fascismo por suas fronteiras e fronteiras de seus aliados, uma vez que ela não tinha a intenção de fortalecer seus concorrentes imperialistas, a Rússia se preocupa em salvaguardar a democracia em todos os lugares, exceto em seu próprio território. Sua amizade com a democracia burguesa é uma verdadeira amizade; fascismo não é um artigo para exportação, pois deixa de ser uma vantagem assim que é generalizada. Apesar do pacto de Stalin-Hitler, não há maiores "antifascistas" do que os bolcheviques em nome de seu próprio fascismo nativo. Somente na medida em que sua expansão imperialista, se houver, será culpada de apoiar conscientemente a tendência fascista geral.

Essa tendência fascista geral não deriva do bolchevismo, mas o incorpora. Nasce das leis peculiares de desenvolvimento da economia capitalista. Se a Rússia finalmente se tornar um membro "decente" da família capitalista das nações, as "indecências" de sua juventude fascista serão, em alguns setores, confundidas com um passado revolucionário. A oposição ao stalinismo, no entanto, a menos que inclua oposição ao leninismo e ao bolchevismo de 1917, não é oposição, mas apenas uma disputa entre os concorrentes políticos. Na medida em que o mito do bolchevismo ainda é defendido contra a realidade stalinista, o trabalho de Otto Rühle em mostrar que o stalinismo de hoje é apenas o leninismo de ontem, ainda é de importância contemporânea, tanto mais que tentativas podem ser feitas para recapturar o passado bolchevique nos levantes sociais do futuro.

Toda a história do bolchevismo poderia ser antecipada por Rühle e pelo movimento da "ultra-esquerda" por causa de seu reconhecimento precoce do conteúdo real da revolução bolchevique e do caráter real do antigo movimento social-democrata. Depois de 1920, todas as atividades do bolchevismo só poderiam ser prejudiciais aos trabalhadores do mundo. Nenhuma ação comum com suas várias organizações foi mais possível e nenhuma foi tentada.

VII

Juntamente com grupos de 'ultra-esquerdistas' em Dresden, Frankfurt am Main e outros lugares, Otto Rühle foi um passo além do antibolchevismo do Partido Comunista dos Trabalhadores e seus adeptos na União Geral dos Trabalhadores. Ele achava que a história dos partidos social-democratas e as práticas dos partidos bolcheviques provavam suficientemente que era inútil substituir os reacionários com os partidos revolucionários, porque a própria forma de partido da organização se tornara inútil e até perigosa. Já em 1920, ele proclamou que "a revolução não é um assunto de partido", mas exige a destruição de todos os partidos em favor do movimento do conselho. Trabalhando principalmente dentro da União Geral do Trabalho, ele agitou contra a necessidade de um partido político especial até que esta organização fosse dividida em dois. Uma seção (Allgemeine Arbeiter Union - Einheitsorganisation) compartilhava as opiniões de Rühle, a outra permanecia como a 'organização econômica' do Partido Comunista. A organização representada por Rühle inclinou-se para os movimentos sindicalistas e anarquistas sem, no entanto, desistir de sua Weltanschauung marxista. O outro se considerava o herdeiro de tudo o que havia sido revolucionário no movimento marxista do passado. Tentou criar uma Quarta Internacional, mas conseguiu apenas uma cooperação mais estreita com grupos semelhantes em alguns países europeus. O outro se considerava o herdeiro de tudo o que havia sido revolucionário no movimento marxista do passado. Tentou criar uma Quarta Internacional, mas conseguiu apenas uma cooperação mais estreita com grupos semelhantes em alguns países europeus. O outro se considerava o herdeiro de tudo o que havia sido revolucionário no movimento marxista do passado. Tentou criar uma Quarta Internacional, mas conseguiu apenas uma cooperação mais estreita com grupos semelhantes em alguns países europeus.

Na opinião de Rühle, uma revolução proletária só era possível com a participação consciente e ativa das amplas massas proletárias. Isso novamente pressupunha uma forma de organização que não podia ser controlada de cima, mas era determinada pela vontade de seus membros. A organização fabril e a estrutura da União Geral dos Trabalhadores impediriam, segundo ele, o divórcio entre interesses organizacionais e de classe; impediria o surgimento de uma poderosa burocracia servida pela organização em vez de servi-la. Por fim, prepararia os trabalhadores para assumir as indústrias e gerenciá-

las de acordo com suas próprias necessidades, evitando assim o surgimento de novos estados de exploração.

O Partido Comunista dos Trabalhadores compartilhava essas ideias gerais e suas próprias organizações de fábrica eram dificilmente distinguíveis daquelas que concordavam com Rühle. Mas o partido afirmou que, nesse estágio de desenvolvimento, a organização fabril não poderia garantir uma política revolucionária clara. Todos os tipos de pessoas entrariam nessas organizações, não haveria nenhum método de seleção adequada, e os trabalhadores politicamente subdesenvolvidos poderiam determinar o caráter das organizações, que, portanto, poderiam não ser capazes de cumprir os requisitos revolucionários do dia. Este ponto foi bem demonstrado pelo caráter relativamente atrasado do movimento do conselho de 1918. O Partido Comunista dos Trabalhadores sustentava que a consciência de classe, revolucionários treinados em Marx, embora pertencentes a organizações de fábrica, deveria, ao mesmo tempo,

O Partido Comunista dos Trabalhadores viu na posição de Rühle uma espécie de desapontamento buscando refúgio em uma nova forma de utopismo. Sustenta que Rühle meramente generalizou as experiências dos antigos partidos e insistiu que o caráter revolucionário de sua organização era o resultado de sua própria forma de partido. Rejeitou os princípios centralistas do leninismo, mas insistiu em manter o partido pequeno de modo que ele estivesse livre de todo oportunismo. Havia outros argumentos apoiando a ideia do partido. Alguns se referiam a problemas internacionais, alguns se preocupavam com as questões da ilegalidade, mas todos os argumentos não conseguiram convencer Rühle e seus seguidores. Eles viram no partido a perpetuação do princípio de massa-líder, a contradição entre partido e classe, e temiam uma repetição do bolchevismo na esquerda alemã.

Nenhum dos dois grupos pôde provar sua teoria. A história passou pelos dois; eles estavam discutindo no vácuo. Nem o Partido Comunista dos Trabalhadores nem os dois sindicatos gerais superaram o status de seitas "ultra-esquerdistas". Seus problemas internos tornaram-se bastante artificiais, pois realmente não havia diferença entre o Partido dos Trabalhadores Comunistas e a União Geral dos Trabalhadores. Apesar de suas teorias, os seguidores de Rühle também não funcionavam nas fábricas. Ambos os sindicatos entregaram-se às mesmas atividades. Portanto, todas as divergências teóricas não tinham significado prático.

Essas organizações - remanescentes da tentativa proletária de desempenhar um papel nos levantes de 1918 - tentaram aplicar suas experiências dentro de um desenvolvimento que se movia consistentemente na direção oposta àquela em que essas experiências se originaram. Somente o Partido Comunista, em virtude do controle russo, poderia realmente crescer dentro dessa tendência em direção ao fascismo. Mas, ao representar o russo, não o fascismo alemão, ele também teve que sucumbir ao emergente movimento nazista que, reconhecendo e aceitando as tendências capitalistas dominantes, finalmente herdou o antigo movimento operário alemão em sua totalidade.

Depois de 1923, o movimento alemão de "ultra-esquerda" deixou de ser um fator político sério no movimento operário alemão. Sua última tentativa de forçar a tendência de desenvolvimento em sua direção foi dissipada na atividade de curta duração em março de 1921 sob a liderança popular de Max Hoelz. Seus membros mais militantes, sendo forçados à ilegalidade, introduziram métodos de conspiração e expropriação no movimento, acelerando assim sua desintegração. Embora em termos organizacionais os grupos de "ultra-esquerda" continuassem a existir até o começo da ditadura de Hitler, suas funções restringiam-se àquelas dos clubes de discussão que tentavam entender seus próprios fracassos e os da revolução alemã.

VIII

O declínio do movimento de "ultra-esquerda", as mudanças na Rússia e na composição dos partidos bolcheviques, a ascensão do fascismo na Itália e na Alemanha restauraram a velha relação entre economia e política que havia sido perturbada durante e logo após a primeira guerra Mundial. Em todo o mundo, o capitalismo estava agora suficientemente estabilizado para determinar a principal tendência política. Fascismo e bolchevismo, produtos de condições de crise foram - como a própria crise - também meios para uma nova prosperidade, uma nova expansão do capital e a retomada das lutas competitivas imperialistas. Mas, assim como qualquer crise maior aparece como a crise final para aqueles que mais sofrem, as mudanças políticas que a acompanham apareceram como expressões do colapso do capitalismo. Mas a grande diferença entre aparência e realidade, mais cedo ou mais tarde, transforma um otimismo exagerado em um pessimismo exagerado em relação às possibilidades revolucionárias. Duas formas, então, permanecem abertas para o revolucionário: ele pode capitular aos processos políticos

dominantes, ou pode se retirar para uma vida de contemplação e aguardar a mudança dos acontecimentos.

Até o colapso final do movimento operário alemão, a retirada da "ultra-esquerda" parecia ser um retorno ao trabalho teórico. As organizações existiam na forma de publicações semanais e mensais, panfletos e livros. As publicações asseguraram as organizações, as organizações as publicações. Enquanto as organizações de massas serviam a pequenas minorias capitalistas, a massa dos trabalhadores era representada por indivíduos. A contradição entre as teorias da "ultra-esquerda" e as condições prevalentes tornou-se insuportável. Quanto mais um pensamento em termos coletivos, mais isolado se tornou. O capitalismo, em sua forma fascista, apareceu como o único coletivismo real, o antifascismo como um retorno a um individualismo burguês primitivo. A mediocridade do homem capitalista e, portanto, o revolucionário sob as condições capitalistas, tornou-se dolorosamente óbvio dentro das pequenas organizações estagnadas. Mais e mais pessoas, partindo da premissa de que as condições objetivas "estavam maduras para a revolução", explicavam sua ausência com tais "fatores subjetivos", como falta de consciência de classe e falta de compreensão e caráter por parte dos trabalhadores. Essas carências, no entanto, precisavam ser novamente explicadas por "condições objetivas", pois as deficiências do proletariado resultavam indubitavelmente de sua posição especial dentro das relações sociais do capitalismo. A necessidade de restringir a atividade ao trabalho educacional tornou-se uma virtude: desenvolver a consciência de classe dos trabalhadores era considerada a mais essencial de todas as tarefas revolucionárias.

O colapso do *laissez faire*, o capitalismo e o crescente controle centralista sobre as massas sempre maiores através da produção capitalista e da guerra aumentaram o interesse intelectual nos campos anteriormente negligenciados da psicologia e da sociologia. Esses ramos da "ciência" burguesa serviram para explicar a perplexidade daquela parte da burguesia deslocada por concorrentes mais poderosos e daquela parte da pequena burguesia reduzida aos níveis proletários de existência durante a depressão. Em seus estágios iniciais, o processo de concentração capitalista de riqueza e poder foi acompanhado pelo crescimento absoluto das camadas burguesas da sociedade. Depois da guerra, a situação mudou; a depressão européia atingiu tanto a burguesia quanto o proletariado e geralmente destruiu a confiança no sistema e nos próprios indivíduos. Psicologia e sociologia, no entanto, não eram apenas expressões de

perplexidade e insegurança burguesas, mas, simultaneamente, serviam à necessidade de uma determinação mais direta do comportamento de massa e do controle ideológico do que o necessário sob condições menos centralistas. Aqueles que perderam o poder nas lutas políticas que acompanharam a concentração do capital, bem como aqueles que ganharam o poder, ofereceram explicações psicológicas e sociológicas para seus fracassos ou sucessos completos. O que um era o "estupro das massas" para o outro era uma visão recém-adquirida - a ser sistematizada e incorporada na ciência da exploração e controle - nos processos sociais, serviu para a necessidade de uma determinação mais direta do comportamento de massa e controle ideológico do que foi necessário sob condições menos centralistas. Aqueles que perderam o poder nas lutas políticas que acompanharam a concentração do capital, bem como aqueles que ganharam o poder, ofereceram explicações psicológicas e sociológicas para seus fracassos ou sucessos completos.

Sob a divisão capitalista do trabalho, a manutenção e extensão das ideologias predominantes é o trabalho das camadas intelectuais da burguesia e da pequena burguesia. Essa divisão do trabalho é, é claro, determinada mais pelas condições de classe existentes do que pelas necessidades produtivas da sociedade complexa. O que sabemos por meio de uma produção capitalista de conhecimento. Mas, como não há outro, a abordagem proletária de tudo o que é produzido pela ciência burguesa e pela pseudo-ciência deve ser sempre crítica. Fazer com que esse conhecimento sirva a outros fins que não capitalistas significa limpá-lo de todos os elementos que o entram relacionados com a estrutura de classes capitalista. Seria tão falso quanto seria impossível rejeitar por atacado tudo o que é produzido pela ciência burguesa. No entanto, só pode ser abordado com ceticismo. A crítica proletária - novamente por conta da divisão capitalista do trabalho - é bastante limitada. É de real importância apenas quando o conhecimento burguês lida com as relações sociais. Aqui suas teorias podem ser testadas quanto à sua validade e seu significado para as várias classes e para a sociedade como um todo. Surgiu, então, com a moda da psicologia e da sociologia, a necessidade de examinar as novas descobertas nesses campos do ponto de vista crítico das classes reprimidas.

Era inevitável que a moda da psicologia penetrasse no movimento operário. Mas toda a decadência desse movimento foi mais uma vez revelada por sua tentativa de usar as novas teorias da psicologia e da sociologia burguesas para uma investigação crítica de suas próprias teorias, em vez de usar a teoria marxista para criticar a nova pseudociência

burguesa. Por trás dessa atitude estava a crescente desconfiança do marxismo devido aos fracassos das revoluções alemã e russa. Por trás disso também estava a incapacidade de ir além de Marx em um sentido marxista, uma incapacidade claramente trazida à luz pelo fato de que tudo o que parecia novo na sociologia burguesa havia sido tirado de Marx em primeiro lugar. Infelizmente, do nosso ponto de vista, Otto Rühle foi um dos primeiros a revestir as ideias mais populares de Marx na nova linguagem da sociologia e psicologia burguesas. Em suas mãos, a concepção materialista da história agora se tornou "sociologia" na medida em que lidava com a sociedade; na medida em que lidava com o indivíduo, agora era "psicologia". Os princípios dessa teoria serviriam tanto à análise da sociedade quanto à análise das complexidades psicológicas de seus indivíduos. Em sua biografia de Marx, Rühle aplicou seu novo conceito psicossociológico de marxismo, que só poderia ajudar a apoiar a tendência de incorporar um marxismo emasculado à ideologia capitalista. Esse tipo de "materialismo histórico", que procurava por razões de "complexos de inferioridade e superioridade" nos infindáveis domínios da biologia, antropologia, sociologia, economia e assim por diante, a fim de descobrir um tipo de "equilíbrio de poder de complexos por meio de compensações", que poderia ser considerado o ajuste adequado entre indivíduo e sociedade, esse tipo de marxismo não foi capaz de servir a nenhuma das necessidades práticas dos trabalhadores, nem poderia ajudar na sua educação. Essa parte da atividade de Rühle, quer a avalie positiva ou negativamente, tem pouco ou nada a ver com os problemas que afligem o proletariado alemão. Portanto, é desnecessário lidar aqui com o trabalho psicológico de Rühle. Mencionamos isso, no entanto, pela dupla razão de que pode servir como uma ilustração adicional do desespero geral do revolucionário no período da contra-revolução e como uma manifestação adicional da sinceridade do revolucionário, Rühle, nas condições de desespero.

IX

O triunfo do fascismo alemão acabou com o longo período de desânimo, desilusão e desespero revolucionários. Tudo ficou ao mesmo tempo mais claro; o futuro imediato foi delineado em toda a sua brutalidade. O movimento trabalhista provou pela última vez que a crítica dirigida contra ele pelo revolucionário era mais do que justificada. A luta da "ultra-esquerda" contra o movimento trabalhista oficial provou ter sido a única luta consistente contra o capitalismo que havia sido travada até o momento.

O triunfo do fascismo alemão, que não era um fenômeno isolado, mas estava intimamente ligado ao desenvolvimento prévio de todo o mundo capitalista, não causou, mas apenas ajudou a iniciar o novo conflito mundial das potências imperialistas. Os dias de 1914 haviam retornado. Mas não para a Alemanha. Os líderes trabalhistas alemães foram privados da "experiência comovente" de se declarar mais uma vez como os filhos mais verdadeiros da pátria. Organizar para a guerra significava instituir o totalitarismo, e isso significava que muitos interesses especiais precisavam ser eliminados. Sob as condições da República de Weimar e dentro do quadro do imperialismo mundial, isso só foi possível por meio de lutas internas. A "resistência" do movimento trabalhista alemão ao fascismo, em parte sincera, não deve, no entanto, ser confundida com uma resistência à guerra. No caso da social-democracia e dos sindicatos, não foi uma resistência, mas apenas uma abdicação acompanhada de protestos verbais para salvar a face. E mesmo isso ocorreu apenas na esteira da recusa de Hitler em incorporar essas instituições, em sua forma tradicional e com seus líderes "experientes", no esquema fascista das coisas. Nem a "resistência" da parte do Partido Comunista era uma resistência à guerra e ao fascismo como tal, mas apenas na medida em que eram dirigidos contra a Rússia. Se as organizações trabalhistas oficiais na Alemanha foram impedidas de se aliar à sua burguesia, em todas as outras nações elas o fizeram sem deliberação e sem luta. E mesmo isso ocorreu apenas na esteira da recusa de Hitler em incorporar essas instituições, em sua forma tradicional e com seus líderes "experientes", no esquema fascista das coisas. Nem a "resistência" da parte do Partido Comunista era uma resistência à guerra e ao fascismo como tal, mas apenas na medida em que eram dirigidos contra a Rússia. Se as organizações trabalhistas oficiais na Alemanha foram impedidas de se aliar à sua burguesia, em todas as outras nações elas o fizeram sem deliberação e sem luta.

Uma segunda vez em sua vida, o exilado Otto Rühle teve que decidir qual lado tomar na nova luta mundial. Desta vez, pareceu um pouco mais difícil, porque o totalitarismo consistente de Hitler foi projetado para evitar a repetição dos dias vacilantes

do liberalismo durante a última guerra mundial. Essa situação permitiu que a segunda guerra mundial se disfarçasse como uma luta entre a democracia e o fascismo e fornecesse aos chauvinistas sociais melhores desculpas. Os líderes trabalhistas exilados, em sintonia com as organizações trabalhistas de seus países adotivos, ainda podiam apontar as diferenças políticas entre as duas formas do sistema capitalista, embora não pudessem negar a natureza capitalista de suas novas pátrias. A teoria do mal menor serviu para tornar plausível a razão pela qual as democracias deveriam ser defendidas contra a disseminação do fascismo. Rühle, no entanto, manteve sua antiga posição de 1914. Para ele, o "inimigo ainda estava em casa", tanto nas democracias quanto nos estados fascistas. O proletariado não podia, ou não deveria, ficar do lado de nenhum deles, mas se opor a ambos com a mesma veemência. Rühle assinalou que todos os argumentos políticos, ideológicos, raciais e psicológicos oferecidos em defesa de uma posição pró-guerra não poderiam realmente encobrir a razão capitalista da guerra: a luta por lucros entre os concorrentes imperialistas.

Para Rühle, o fascismo e o capitalismo de estado não foram as invenções de políticos viciosos, mas o resultado do processo capitalista de concentração e centralização, no qual a acumulação de capital se manifesta. A relação de classe na produção capitalista é cercada por muitas contradições insolúveis. A principal contradição, segundo Rühle, está no fato de que a acumulação de capital significa também uma tendência a uma queda na taxa de lucro. Essa tendência pode ser combatida apenas por uma acumulação mais rápida de capital - o que implica um aumento da exploração. Mas, apesar do fato de que a exploração é aumentada em relação à taxa de acumulação necessária para evitar crises e depressões, os lucros continuam a mostrar uma tendência a cair. Durante as depressões, o capital é reorganizado para permitir um novo período de expansão de capital. Se, nacionalmente, uma crise implica a destruição de capital mais fraco e a concentração de capital por meio de negócios comuns, a reorganização internacional finalmente exige guerra. Isso significa a destruição das nações capitalistas mais fracas em favor dos imperialismos vitoriosos, a fim de provocar uma nova expansão de capital e sua maior concentração e centralização. Toda crise capitalista - neste estágio de acumulação de capital - envolve o mundo; Da mesma forma, toda guerra é ao mesmo tempo uma guerra mundial. Não são nações específicas, mas todo o capitalismo mundial é responsável pela guerra e pela crise. Isto, Rühle viu, é o inimigo e ele está em todo lugar. Isso significa a destruição das nações capitalistas mais fracas em

favor dos imperialismos vitoriosos, a fim de provocar uma nova expansão de capital e sua maior concentração e centralização. Toda crise capitalista - neste estágio de acumulação de capital - envolve o mundo; Da mesma forma, toda guerra é ao mesmo tempo uma guerra mundial. Não são nações específicas, mas todo o capitalismo mundial é responsável pela guerra e pela crise. Isto, Rühle viu, é o inimigo e ele está em todo lugar. Isso significa a destruição das nações capitalistas mais fracas em favor dos imperialismos vitoriosos, a fim de provocar uma nova expansão de capital e sua maior concentração e centralização. Toda crise capitalista - neste estágio de acumulação de capital - envolve o mundo; Da mesma forma, toda guerra é ao mesmo tempo uma guerra mundial. Não são nações específicas, mas todo o capitalismo mundial é responsável pela guerra e pela crise. Isto, Rühle viu, é o inimigo e ele está em todo lugar.

Para ter certeza, Rühle não tinha dúvidas de que o totalitarismo era pior para os trabalhadores do que a democracia burguesa. Ele lutou contra o totalitarismo russo desde a sua criação. Ele lutava contra o fascismo alemão, mas não podia lutar em nome da democracia burguesa porque sabia que as leis peculiares de desenvolvimento da produção capitalista transformariam a democracia burguesa, mais cedo ou mais tarde, em fascismo e capitalismo de Estado. Lutar contra o totalitarismo significava opor-se ao capitalismo em todas as suas formas. “Capitalismo privado”, ele escreveu, “e com isso a democracia, que está tentando salvá-lo, está obsoleta e segue o caminho de todas as coisas mortais. Estado-Capitalismo - e com ele o fascismo, que abre caminho para o crescimento e a tomada do poder. O velho se foi para sempre e nenhum exorcismo funciona contra o novo. Não importa o quanto tentemos reviver a democracia, Todos os esforços serão inúteis. Todas as esperanças de uma vitória da democracia sobre o fascismo são as ilusões mais crassas, toda crença no retorno da democracia como uma forma de governo capitalista tem apenas o valor de traição astuta e covarde auto-ilusão ... É a infelicidade do proletariado que suas organizações obsoletas baseadas em uma tática oportunista a tornam indefesa contra o ataque do fascismo. Perdeu, assim, a sua própria posição política no corpo político na atualidade. Deixou de ser um fator histórico na época atual. Ele foi varrido sobre o monte de lixo da história e apodrecerá do lado da democracia, bem como do lado do fascismo, pois a democracia de hoje será o fascismo de amanhã”. Toda crença no retorno da democracia como uma forma de governo capitalista tem apenas o valor de traição astuciosa e auto-ilusão covarde... É a desgraça do proletariado que suas organizações obsoletas, baseadas em uma tática oportunista, a tornem indefesa contra a

investida do fascismo. Perdeu, assim, a sua própria posição política no corpo político na atualidade. Deixou de ser um fator histórico na época atual. Ele foi varrido sobre o monte de lixo da história e apodrecerá do lado da democracia, bem como do lado do fascismo, pois a democracia de hoje será o fascismo de amanhã”.

X

Embora Otto Rühle tenha encarado a segunda guerra mundial tão firmemente quanto enfrentou a primeira, sua atitude em relação ao movimento trabalhista foi diferente da de 1914. Dessa vez, ele não pôde deixar de estar certo de que “nenhuma esperança poderia surgir dos miseráveis remanescentes. do antigo movimento nas nações ainda democráticas para a insurreição final do proletariado e sua libertação histórica. Ainda menos esperança poderia surgir dos fragmentos surrados das tradições partidárias que foram espalhadas e derramadas na emigração do mundo, nem das noções estereotipadas de revoluções passadas, independentemente de alguém acreditar nas bênçãos da violência ou em uma transição pacífica”. No entanto, ele não olhou desesperadamente para o futuro. Ele tinha certeza de que novos impulsos e novos impulsos animariam as massas e as forçariam a fazer sua própria história.

As razões para essa confiança foram as mesmas que convenceram Rühle da inevitabilidade do desenvolvimento capitalista em direção ao fascismo e ao capitalismo de Estado. Baseiam-se nas contradições insolúveis inerentes ao sistema capitalista de produção. Assim como a reorganização do capital durante a crise é simultaneamente uma preparação para maiores crises, a guerra pode gerar apenas guerras maiores e mais devastadoras. A anarquia capitalista pode se tornar apenas mais caótica, não importa o quanto seus defensores tentem trazer ordem para ela. Partes sempre maiores do mundo capitalista serão destruídas para que os grupos capitalistas mais fortes possam continuar se acumulando. As misérias das massas do mundo se elevarão até que um ponto de ruptura seja alcançado e novos surtos sociais destruirão o sistema assassino da produção capitalista.

Rühle era tão pouco capaz quanto qualquer outra pessoa no momento de declarar por que meios específicos o fascismo seria superado. Mas ele tinha certeza de que a mecânica e a dinâmica da revolução passarão por mudanças fundamentais. Na auto-expropriação e proletarização da burguesia pela segunda guerra mundial, na superação do

nacionalismo pela abolição dos pequenos estados, na política mundial capitalista de Estado baseada nas federações estaduais, ele viu não apenas o lado imediatamente negativo, mas também o aspectos positivos de fornecer novos pontos de partida para ações anticapitalistas. Até o dia de sua morte, ele estava certo de que o conceito de classe iria se espalhar até que fomentasse um interesse majoritário no socialismo. Ele procurou que a luta de classes se transformasse de uma categoria ideológica abstrata em uma categoria econômica prática-positiva. E ele imaginou a ascensão dos conselhos de fábrica dentro do desdobramento da democracia trabalhista como uma reação ao terror burocrático. Para ele, o movimento trabalhista não estava morto, mas ainda deveria nascer nas lutas sociais do futuro.

Se Rühle, finalmente, não tinha mais nada a oferecer do que a "esperança" de que o futuro resolveria os problemas que o antigo movimento trabalhista não conseguiu resolver, essa esperança não nasceu da fé, mas do conhecimento, que consistia em reconhecer tendências sociais reais. Não continha uma pista sobre como alcançar a necessária transformação social. Exigia, no entanto, dissociação de atividades fúteis e organizações sem esperança. Exigia o reconhecimento dos motivos que levaram à desintegração do antigo movimento operário e à busca dos elementos que apontam para as limitações dos sistemas totalitários vigentes. Exigia uma distinção mais nítida entre ideologia e realidade, a fim de descobrir nos últimos os fatores que escapam ao controle dos organizadores totalitários. Quão pouco ou quanto é necessário para transformar a sociedade é sempre descoberto apenas após esse fato. Mas a escala de equilíbrio da sociedade é delicada e é particularmente sensível na atualidade. Os controles mais poderosos sobre os homens são realmente fracos quando comparados com as tremendas contradições que afetam o mundo de hoje. Otto Rühle estava certo em assinalar que as atividades que acabarão por derrubar a escala da sociedade em favor do socialismo não serão descobertas por meios e métodos relacionados a atividades prévias e organizações tradicionais. Elas devem ser descobertas dentro das relações sociais mutáveis que ainda são determinadas pela contradição entre as relações capitalistas de produção e a direção em que as forças produtivas da sociedade estão se movendo.